

“VERDE”, revista moderna. Director: Henrique de Rezende. Cataguazes (Minas), rua Cel. Vieira, 53.

A zona da Matta em Minas está presenciando um phenomeno espantoso. Cataguazes acaba de lançar sobre o Brasil as folhas quadradas de “Verde”, uma revista limpa, agil e bem impressa. E’ bem possivel que “Verde” ignore cautelosamente os ultimos sussurros norteamericanos sobre o comunismo de Sacco e Vanzetti, as ultimas “purificações” poeticas do disponivel abade Erémont e as moribundas coleras expressionistas de Paul Westheim; tudo isso não impede que seja bem moderna e bem livre. “Bem livre” no melhor sentido da expressão, porque justamente o que se nota nessa moçada mineira que fez, o primeiro numero de “Verde”, é um admiravel sacrificio de si mesma. Ha nesses mineiros uma consciencia de disciplina que ha de ter na certa um valor social importante, se elles, espicados pelas criticas dilettantes e pelas rivalidades não cahirem naquelle individualismo desbragado e no manda-chuvismo pedante que destruiu dos movimentos modernos de S. Paulo e Rio a bonita função social que podiamos ter.

E’ possivel distinguir dentro das

poesias e contos de “Verde” as forças principaes de Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Oswaldo de Andrade, Alcantara Machado, Ribeiro Couto etc. Isso para mim não tem a minima importancia, porque, como já falei uma feita, planta nova carece de espeque, e esses mesmos influenciadores não foram desde inicio as personalidades marcadas que são hoje. Os rapazes de “Verde”, faz pouco que sahiram do epitheto de meninões e quando a gente nessa idade moça já escreve o Serão do Menino Pobre, a Função, a Viagem Sentimental, o Bloco, se não se deixar levar pela facilidade (principalmente sintomatica da prosa de “Verde”), pode estar certo que será forte e caracteristico. Me esquecia dum “Signal de Apito” lapidar, de Carlos Drummond de Andrade.

Luis da Camara Cascudo — Lopez do Paraguay — Tlp. d’A Republica, Natal, 1927.

Eu tenho uma qualidade excelente; gosto muito da Historia como historia, porém não acredito nella. Luis da Camara Cascudo no portico deste seu livro, cita a metaphora de Estrabão: “Historia, olho do Tempo”. Ora, estou disposto a aceitar esse “olho” don’tanto que se reconheca que na